

## CONSTITUIÇÃO, FORMULAÇÃO E CIRCULAÇÃO DO CONHECIMENTO LINGUÍSTICO NO SUL DO BRASIL

YASMIN SCHREINER HEINZMANN<sup>1,2\*</sup>,  
CAROLINE MALLMANN SCHNEIDERS<sup>1,2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Cerro Largo/RS; <sup>2</sup>Grupo de Pesquisa Língua(gem), discurso e subjetividade da Universidade Federal da Fronteira Sul;

\*Autor para correspondência: Yasmin (yasminsheinzmann@gmail.com)

### 1 Introdução

A presente pesquisa busca refletir a respeito do processo de historicização da língua dos imigrantes alemães que vieram e instalaram-se na região das Missões do Rio Grande do Sul (RS). Para isso, é necessária a compreensão de língua enquanto constituidora do sujeito e do coletivo, localizando-a nesse novo espaço-tempo que a circunscreve, ou seja, a região missioneira na época da colonização, que representará um contexto cultural, social, histórico e ideológico no qual a língua alemã irá historicizar-se.

Para tanto, refletimos sobre os efeitos produzidos pelo processo de interdição da língua alemã durante o Estado Novo, de Getúlio Vargas, o qual, por meio de uma “Campanha de Nacionalização”, instaurou políticas linguísticas, a fim de unificar a nação através da Língua, no caso a Língua Portuguesa, que era reconhecida como língua nacional, homogênea, tornando-se oficial. Essas políticas irão ter, principalmente, como objetivo silenciar as “outras línguas nacionais”, como, por exemplo, o alemão, que teve sua circulação impedida em território nacional brasileiro.

### 2 Objetivo

Compreender o processo de historicização da língua dos imigrantes alemães nas Missões do RS.

### 3 Metodologia

Para elucidar o processo histórico e linguístico abordado, realizamos entrevistas, especificamente com cinco sujeitos que nasceram entre os anos de 1920 e 1940, objetivando compreender os efeitos produzidos pelas políticas de interdição da língua alemã, vinculadas ao Estado Novo e a projeção que tiveram na vida dos sujeitos e no percurso dessa língua germânica. A partir das entrevistas, realizamos recortes discursivos, os quais constituem o nosso *corpus* de análise, cujo critério de seleção são marcas linguísticas que nos permitem compreender os efeitos das políticas de interdição.

Essa pesquisa está ancorada na perspectiva da Análise de Discurso pecheuxtiana, articulando questões que envolvem os estudos enunciativos discursivos, bem como com a História das Ideias Linguísticas, tal como se desenvolvem nos dias de hoje.

#### **4 Resultados e Discussão**

Ao realizarmos as entrevistas e delimitarmos o nosso *corpus*, partimos da noção de discurso como efeitos de sentido entre os interlocutores, tendo em vista a não transparência da língua. Assim, não há discursos homogêneos, nem sentidos únicos, um discurso sempre será ancorado a outros.

Nesse sentido, entendemos que todo discurso se relaciona a outros anteriores, sendo constituído assim, por uma memória discursiva. Esta memória, segundo Orlandi (2006), vincula-se a enunciações que se estratificam no eixo vertical de maneira que qualquer formulação feita se dá determinada pelo conjunto de formulações anteriores, já ditas. A autora destaca uma particularidade da memória discursiva: essas formulações já feitas estão no plano do esquecimento, isto é, são esquecidas, daí a ilusão de sermos a origem de nosso dizer, não controlando como os sentidos se formam em nós, sujeitos, apenas retomamos os já ditos anteriores ao nosso dizer.

Também, o discurso nunca é neutro, mas sempre relacionado a uma ideologia, como afirma Pêcheux (1995), o sujeito é sempre interpelado em sujeito pela ideologia, bem como pelo simbólico, resultando, assim, em uma forma-sujeito, que é histórica, determinada por fatores sociais, institucionais e pelo Estado. Partindo disso, consideramos que o sujeito nunca deve ser pensado como a origem do seu dizer, mas retoma outros que lhe são antecedentes.

Tendo em vista essas questões, para analisar as entrevistas, tomamos sempre o sujeito

do discurso, em relação à história e determinado pela ideologia. Desse modo, com base nos recortes discursivos selecionados, entendemos que houve uma repressão na prática discursiva da língua alemã, e isso será determinante para a historicização dessa língua na região das Missões, assim como nos sentidos mobilizados. Para melhor explicitar nossa reflexão, destacamos um dos recortes discursivos analisados.

RD1: “ **Eu aprendi a ler tudo em alemão**, tive apenas um ano de português (por volta do ano de 1932). **Era proibido falar alemão**, os soldados proibiam, isso quando eu era criança, quando casei já não acontecia tanto. **Queimaram livros e a Bíblia que estava em alemão**, as lojas e comércio só falavam este idioma”.  
(Entrevista X)

No recorte acima, compreendemos determinados sentidos por meio de termos como “proibição” e “queimaram”. Sentidos que ressoam um determinado contexto sócio-histórico, o qual podemos relacionar ao Estado Novo, que, conforme Spessatto (2003), foi um período que objetivou alcançar a integração nacional e que, no que se refere aos imigrantes, observa-se a imposição linguística a um povo que mantinha, por meio de sua língua, laços com seu passado, o qual buscavam manter vivo. Pelo e através do discurso, observamos que a censura demarca o proibido, o que deve e não ser dito, perpassando a religião e a própria língua do imigrante alemão.

## 5 Conclusão

Entendemos que é necessário refletir a respeito do processo de historicização da língua dos imigrantes alemães nas Missões do RS, pois permite-nos explicitar o horizonte de retrospectiva de uma língua que foi marcada por políticas de interdição e repressão, em prol da homogeneidade linguística. Essa reflexão contribui, portanto, para a compreensão do lugar que a língua alemã possui hoje, e como a região visa a preservar essa língua e sua cultura. Ou seja, a língua que um dia foi silenciada, não foi apagada, ela circula e mantém-se viva no dia-dia da região das Missões.

Assim, buscamos explicitar como as políticas linguísticas ainda ressoam e produzem sentidos na prática discursiva dos sujeitos imigrantes alemães, determinando o modo como a língua alemã se historicizou nas Missões.

## Referências

ORLANDI, E. P. Análise de Discurso. In: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Org.). **Introdução às ciências da linguagem-Discurso e Textualidade**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006. p.13-31.

PÊCHEUX. M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995. 317 p.

SPESSATTO, M.B. **Linguagem e Colonização**. Chapecó: Argos, 2003. 125 p.

**Palavras-chave:** língua; imigração; memória discursiva; silenciamento.

## Fonte de Financiamento

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS).